

BREVE RELATO DA PARTICIPAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS POLONESAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SEU PAPEL PARA A VITÓRIA ALIADA



André Luiz de Souza Dias¹

Após 123 anos de ocupação, a Polônia enfim recupera sua independência em 11 de novembro de 1918. Neste dia, a Alemanha derrotada assinava o armistício e o Conselho de Regência polonês entregava ao lendário Marechal Józef Piłsudski o poder civil e militar. O ressurgimento polonês só foi possível graças à persistência e aos sacrifícios de parte ativa da população, que durante os tempos de ocupação transmitiu às novas gerações o sentimento de amor à pátria e a imperiosa necessidade de conservar a língua e a cultura nacionais. Entretanto, o fim da Primeira Guerra Mundial não significou paz duradoura, pois a eclosão de uma nova hecatombe anulou o sonho de liberdade por quase meio séculoⁱ.

O advento da Segunda Guerra Mundial representou um dos períodos mais traumáticos na história da Polônia e suas consequências continuam a exercer grande impacto sobre a política externa até hoje, cabendo a essa nação o papel de guardiã da memória dos trágicos acontecimentos ocorridos. Iniciada na madrugada de 1º de setembro de 1939, essa nova Guerra representou o evento mais bárbaro e genocida da história, seja em razão das dezenas de milhões de vítimas provocadas, seja devido aos enormes danos materiais e violações de normas morais e éticas observadosⁱⁱ.

A Polônia foi o único país a lutar no teatro de guerra europeu desde o primeiro ao último dia do conflito. A guerra que começou no alvorecer do mês de setembro com a invasão nazista, prosseguiu poucos dias depois com a agressão da União Soviética ao território polonês, em conformidade às ações sorrateiramente arquitetadas pelo Tratado Ribbentrop – Molotov, firmado em 23 de agosto daquele mesmo ano.

¹ Tenente-Coronel de Infantaria do Exército Brasileiro, diplomado Oficial de Estado-Maior pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Brasil/2013) e pela Escola Superior das Forças Armadas (Espanha/2016). Mestre em Operações Militares (2004) e em Ciências Militares (2013), no Brasil, e em Política de Defesa e Segurança Internacional pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha/2016). É o atual Comandante do 29º Batalhão de Infantaria Blindada, em Santa Maria - RS, nomeado para o biênio 2019-20.

Já no princípio da Guerra, o exército polonês conseguiu mobilizar quase um milhão de soldados, 2800 canhões, 500 tanques e 400 aeronaves. Nesse mesmo momento, as forças alemãs somavam mais de 1,5 milhão de soldados, 9000 canhões, 2500 tanques e quase 2000 aeronaves, ao passo que o Exército Vermelho contava com 620 mil soldados, 4700 tanques e 3200 aeronaves. Apesar das enormes dificuldades advindas de um flagrante desequilíbrio no poder de combate, as Forças Armadas polonesas lutaram bravamente por intensos e ininterruptos 35 diasⁱⁱⁱ.

A Segunda Guerra Mundial se tornou oficial mais precisamente às 4h45, quando as tropas germânicas ultrapassaram a fronteira com a Polônia desencadeando o plano de ataque *Fall Weiss*, com as forças desdobradas em uma frente de combate de 1600 Km de extensão^{iv}. Entretanto, uma preparação de fogos já havia ocorrido às 04h40 daquele mesmo dia, no momento em que o Navio de Guerra alemão *Schleswig-Holstein* atirou sobre as posições polonesas na região de Danzig^v.

Conforme acreditavam comandantes e planejadores alemães, a realização de uma guerra-relâmpago (*Blitzkrieg*) conduziria à rápida capitulação das forças polonesas. De fato, face à superioridade bélica e à estratégia inimiga empregada, as unidades do Exército Polonês foram forçadas a recuar em direção ao interior do país já nos primeiros dias de campanha^{vi}. As bases dessa nova forma de combater se assentavam nas táticas utilizadas pela infantaria alemã na Primeira Guerra Mundial, combinadas às ideias dos pensadores ingleses Liddell Hart, Martel e Fuller acerca do emprego de forças blindadas, discutidas desde os anos 20 do século passado^{vii}.

O primeiro teste real para as novas divisões *panzer* aconteceu em realidade durante a invasão da Polônia. Foi, portanto, a eficácia de uma nova doutrina e o intenso treinamento alemão que tornaram possível o desencadeamento de operações ofensivas baseadas no amplo exercício da iniciativa, que permitiram as forças germânicas lutarem com audácia e agressividade, usando o princípio de guerra da surpresa com efetividade, sobretudo nas fases iniciais da Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1941^{viii}.

Em poucas horas as tropas do *III Reich* avançaram para o interior da Polônia, marchando por diferentes direções. Para tanto, o exército alemão (*Wehrmacht*) utilizou suas melhores unidades para atacar com 630 mil soldados pelo norte, ao mesmo tempo que mais 886 mil combatentes penetravam pelo sul. Os 559 batalhões de infantaria disponíveis romperam com rapidez as linhas de defesa oponentes, adentrando profundamente no território

invadido e iniciando o cerco à capital polonesa em 10 de setembro. Para piorar a situação, duas semanas depois os soviéticos começaram o ataque por oeste, abrindo uma nova frente de combate em direção diametralmente oposta^x.

Desta maneira, o planejamento alemão consistia em invadir a Polônia por três eixos principais: pela Prússia Oriental; através da principal fronteira entre Alemanha e Polônia; e a partir da Eslováquia. A estratégia escolhida foi relativamente simples, calcada na doutrina germânica denominada *Kesselschlacht* (cerco e destruição), desenvolvida pelo Conde von Schlieffen e inspirada nos ensinamentos de Hannibal em suas batalhas na antiguidade^x.

A declaração de guerra ao *Reich* alemão pela França e Grã-Bretanha em 3 de setembro de 1939 aumentou as esperanças polonesas de uma contraofensiva por parte de seus Aliados. Demonstrações de confiança e entusiasmo ocorreram em todas as grandes cidades polacas, mas as autoridades civis e militares franco-britânicas frustraram as expectativas e não desencadearam as ações que poderiam ter mudado o rumo dos acontecimentos, descumprindo inclusive compromissos previamente assumidos^{xi}.

Agredidos por tropas numericamente superiores e tecnologicamente mais avançadas, as Forças Armadas da Polônia reagiram de imediato e iniciaram uma luta desesperada pela sobrevivência e salvaguarda de suas fronteiras e soberania. O plano defensivo polonês se estruturou, portanto, em conceitos e pressupostos de uma guerra de coalisão, apoiando-se nos termos de uma aliança anteriormente assinada com franceses e britânicos.

A estratégia polonesa, resumidamente, consistia em uma ação retardadora por linhas sucessivas, que organizadas de oeste para leste permitiriam às tropas aliadas francesas e britânicas lançar vigorosa ofensiva à retaguarda das formações alemã, passando através da fracamente defendida Linha Siegfried. Havendo sucesso nessas ações iniciais, as forças polonesas mudariam de atitude e partiriam para operações ofensivas em uma segunda fase da campanha. Ainda, as tropas lideradas pelo Marechal Śmigły-Rydz dependiam dos romenos para a viabilidade e fluidez do apoio logístico, o que de fato não ocorreu^{xii}.

O esforço principal alemão se apoiou fundamentalmente nos princípios de guerra da massa, manobra e ofensiva, com a concentração de grandes efetivos em espaços pequenos, objetivando incidir sobre os pontos débeis da defesa polaca de forma agressiva e veloz. O propósito era cercar o principal Exército polonês e mantê-lo a oeste do rio Vístula, ultrapassando as áreas de mobilização inimiga e agindo de forma direta e decisiva no Centro de

Gravidade adversário. Uma vez cercadas, as forças polonesas seriam capturadas ou destruídas.

Como é possível perceber, o plano ensejava em si alto grau de risco calculado, uma vez que a concentração de grandes meios a leste implicaria na permanência de apenas 30 divisões defendendo o território alemão face a eventuais ameaças oriundas de oeste. A título de conhecimento, a França possuía, naquela oportunidade, 170 divisões prontas para o emprego. No entanto, Hitler mantinha-se confiante de que os aliados não interfeririam, o que de fato provou ser um grande acerto^{xiii}.

O ataque da Alemanha à Polônia previa não somente a conquista territorial, mas também a pacificação da população e a aniquilação da sua *intelligentsia*. O bombardeamento de Wieluń, assim como de outras cidades polonesas, causou, já nas primeiras horas de conflito, perdas significativas à população civil. A eliminação das elites sociais já havia sido discutida pelos agressores durante a conferência em Jełowa, em 12 de setembro de 1939. O resultado foi o desencadeamento de um plano para assassinar a *intelligentsia* polonesa - a chamada *Intelligenzaktion* ou da "Ação AB" (*Außerordentliche Befriedungsaktion*) – desenvolvido sistematicamente pelo *III Reich* durante os anos subsequentes à ocupação^{xiv}.

Ao tratar sobre a campanha polonesa contra os germânicos na Segunda Guerra Mundial, dois episódios envolvendo sua cavalaria montada merecem especial destaque: o ataque a uma zona de reunião alemã em Krojante e as ações de contra-ataque no vilarejo de Mokra. O primeiro fato corresponde a um relato maldosamente concebido, esclarecido muitos anos depois e que precisa ser corretamente comentado e explorado. O segundo, refere-se a um autêntico ato de bravura e distinção, referência de tenacidade e capacidade de luta do soldado polonês.

Espalhou-se o mito de que uma tropa de cavalaria polonesa havia empreendido vigorosa carga a cavalo contra blindados alemães, empunhando para tanto somente sabres e lanças. Comprovadamente uma inverdade, a lenda nasceu depois que, em 1º de setembro de 1939, o 18º Regimento Ulan da Pomerânia protagonizou um dos primeiros engajamentos da campanha. Comandava essa tropa o Coronel K. Masztalerz, destacado oficial veterano das Legiões Polonesas do Exército Austro-Húngaro na Primeira Guerra Mundial e na Guerra Polaco-Soviética de 1919-1921, quando o emergente Estado bolchevique sofreu acachapante derrota da Polônia.

A história se deu quando o Coronel Kazimierz, ao observar uma força alemã numericamente superior estacionada em uma floresta perto da aldeia Pomerânia de Krojanty, decidiu empreender uma potente carga de cavalaria contra uma tropa inimida a pé e desprevenida. O efeito surpresa, pois, multiplicaria seu poder de combate, resultando inevitavelmente em êxito. Para completar, a ação contaria com o apoio de fogo de um pequeno grupo de blindados TSK / TK-3².

A execução da manobra proporcionou um grande sucesso inicial, uma vez que o avanço inimigo foi retardado e a infantaria alemã, em pânico, rapidamente se dispersou. Entretanto, pouco tempo depois, a resposta germânica se fez perceptível e eficaz, com carros de combate emergindo de uma estrada da floresta e forçando a cavalaria polonesa a rapidamente retrair debaixo de intensos fogos e com algumas baixas. Passado o combate, jornalistas alemães e italianos foram convidados a percorrer o campo de batalha onde jaziam lado a lado cavalos e cavaleiros das tropas do Coronel Kazimierz.

Face à cena inusitada, rapidamente foi veiculada a versão mentirosa de que a cavalaria polonesa havia se lançado em um ataque frontal insano e suicida contra bem protegidos blindados alemães, resultando uma terrível carnificina e conseqüente aniquilamento da tropa. De imediato, essa cruel narrativa passou a ser amplamente explorada pelas propagandas do *III Reich* e da União Soviética, com o intuito de desconstruir a imagem positiva dos soldados poloneses em combate. A mentira rendeu, sobreviveu ao próprio desaparecimento do “*Reich* dos Mil Anos” e se fez presente até os anos 1970^{xv}.

A Brigada de Cavalaria Wołyńska foi a protagonista da Batalha do vilarejo de Mokra. Seus integrantes, para barrar o avanço alemão, apearam dos cavalos e organizaram posições defensivas utilizando as construções da localidade, apoiadas pelo fogo de canhões Bofors 37 mm e antigos obuses 75 mm. As 4^a e 3^a Divisões *Panzer*, essa última comandada pelo General Heinz Guderian, sentiram o impacto da tática polonesa e amargaram pesadas baixas logo no primeiro dia de embate. Entretanto, em 3 de setembro de 1939 Mokra capitulava, deixando um legado de heroísmo, sacrifício e inventividade do soldado polonês em operações defensivas em áreas edificadas e sob condições adversas^{xvi}.

Para invadir a Polônia em 17 de setembro, a União Soviética utilizou o pretexto de não reconhecer o estado polonês, com base na prévia invasão alemã e a suposição de que o governo local havia abandonado Varsóvia. As autoridades soviéticas declararam que o

² Carros de Combate Leves do Exército Polonês, produzidos entre 1932 e 1939.

pacto de não agressão polaco-soviético de 1932 era nulo, sem qualquer efeito, violando acordo bilateral pré-existente e desconsiderando o direito internacional dos povos.

A fim de reforçar a justificativa da invasão, os soviéticos alegaram a necessidade de proteger uma minoria ameaçada de bielorrussos e ucranianos residentes na Polônia, encorajando-a abertamente a se insurgir e somar esforços no ataque aos poloneses. Juntamente às tropas regulares do exército soviético, chegaram unidades especiais do Comissariado do Povo para Assuntos Internos (*NKWD*), cujo papel era eliminar as estruturas estatais polacas e impedir um potencial movimento de resistência.

Para cumprir este objetivo, foram realizadas prisões em massa e execuções de representantes da classe alta da sociedade, com centenas de milhares de poloneses deportados para dentro da União Soviética (principalmente para a Sibéria e o Cazaquistão)^{xvii}. A invasão soviética não só impossibilitou qualquer manobra logística advinda da Romênia, como também precipitou o deslocamento do Governo da Polônia para o exílio na França, de onde continuou a comandar a defesa nacional em duas frentes^{xviii}. Inserido em um contexto de sistemáticas violações de costumes e convenções de guerra está o Massacre de Katyń.

Esse trágico episódio (em polonês *zbrodnia katyńska*; em russo *Катынский расстрел*), também conhecido como Massacre da Floresta de Katyń, consistiu em uma execução em massa de militares poloneses prisioneiros de guerra, policiais e cidadãos comuns, acusados de espionagem e subversão pelo *NKVD*, no período de abril a maio de 1940 (após a rendição da Polônia à Alemanha Nazista). Por meio de um pedido oficial datado de 5 de março de 1940, o líder soviético Josef Stalin e quatro membros do *Politburo* aprovaram o genocídio. O número de vítimas é calculado em cerca de 22.000, sendo 21.768 a quantidade de mortos identificados^{xix}.

A agência federal de arquivos da Rússia publicou recentemente cópias eletrônicas inéditas de documentos secretos relacionados ao Massacre de Katyń. Durante mais de meio século, a antiga União Soviética acusou as tropas nazistas pelo crime. Esses arquivos, publicados em site do órgão federal russo por ordem do Presidente Dmitri Medvedev, se compõe de vários documentos, dentre os quais a chamada “pasta para guardar papéis especiais N° 1”^{xx}. Do total de mortos, havia cerca de 8 mil militares prisioneiros de guerra, 6 mil policiais, além de outros tantos civis integrantes da elite intelectual polonesa (professores, artistas, pesquisadores, historiadores etc.), presos sob diferentes e infundadas acusações^{xxi}.

A derrota na guerra defensiva de 1939 não pôs fim à luta em terras polonesas. Apesar da repressão sofrida, em 27 de setembro de 1939 foi formado o Serviço para a Vitória da Polônia (*Służba Zwycięstwu Polski*). As estruturas clandestinas do movimento de resistência tornaram possível a criação do maior estado secreto na Europa. Nessa época, a Polônia foi dividida e imposto um sistemático extermínio aos que habitavam as terras ocupadas, até ao último dia de guerra^{xxii}.

As Forças Armadas da Polônia prosseguiram lutando e apoiando decisivamente as ações dos Aliados ao longo de toda a Segunda Guerra Mundial, como é possível observar em diferentes Teatros de Operações. Com o país dominado por alemães e soviéticos, soldados e civis poloneses que conseguiram escapar se reagruparam na Síria e na França, utilizando rotas que passavam por dentro da Romênia e Hungria. Em 1940, as forças militares já somavam 84.500 pessoas prontas para o emprego.

Deslocados para a Noruega, combateram com distinção na Batalha de Narvik com uma Brigada Podhalanska. Na França, engrossaram as defesas da Linha Maginot, desenvolveram diversas ações de proteção às tropas Aliadas e lutaram com destemor em diferentes outras frentes de combate. Com a rendição francesa, o Governo no exílio mudou para Londres, acompanhado por 24.000 combatentes que conseguiram fugir pelo Atlântico, de um total de 84.500 militares. Em terras britânicas, o Governo e as forças polacas iniciaram os preparativos para os desafios futuros que se descortinavam.

Na Escócia, os poloneses estabeleceram sua base, que durou até o fim dos conflitos, conduzindo deste local também diversas missões de apoio logístico ferroviário. Lá foi constituído e preparado o 1º Corpo de Exército, composto pela 1ª Divisão Blindada, 4ª Divisão de Infantaria, 16ª Brigada Blindada Independente e 1ª Brigada Paraquedista Independente. No norte da África, a partir dos efetivos concentrados na Síria, formou-se a Brigada de Fuzileiros Independentes dos Cárpatos, que estabeleceu quartel-general na Palestina britânica. Integrada ao 8º Exército Britânico, essa Brigada tomou parte em diversos combates contra as lendárias tropas do Marechal Rommel.

Em 30 de julho de 1941, foi assinado pelo Primeiro-Ministro General Wladyslaw Sikorski e pelo Embaixador da União Soviética Ivan Majski o Acordo Polaco-Russo que permitiu a libertação e a deportação de considerável número de prisioneiro poloneses feitos pelos soviéticos após a invasão de 1939. Se os entendimentos para o reestabelecimento

das fronteiras iniciais da Polônia falharam, pelo menos foi possível criar e preparar um Exército Polonês sob as ordens do Governo no exílio e ao Controle Operacional do Exército Vermelho. No entanto, a postura dos soviéticos e a suspeita da participação das tropas de Stalin no Massacre de Katyń, dentre outras coisas, tornou o relacionamento com os polacos tarefa bastante difícil^{xxiii}.

O Acordo Polaco-Russo garantiu, portanto, a formação de um Exército Polonês composto por 30 mil integrantes, depois expandido para 60 mil, sobre comando do General Wladyslaw Anders. Como a União Soviética não foi capaz de fornecer alimentação e material (fardas e armamento, principalmente), Stalin autorizou transferência desse Exército e suas famílias para o Iran, onde se formou o 2º Corpo de Exército Polonês. O Acordo assinado em Londres foi por fim anulado pelo presidente soviético quando Governo Polonês no Exílio pediu à Cruz Vermelha Internacional na Suíça enviar uma equipe de legistas para análises em Katyń^{xxiv}.

Na Itália, o apoio se deu por meio do 2º Corpo de Exército Polonês, que sob o comando do General W. Anders combateu as tropas do Eixo integrando o 8º Exército Britânico, de dezembro de 1943 até janeiro de 1945. Nesse contexto, o 2º Corpo tomou parte do quarto e do último combate da Batalha de Monte Cassino, conquistando e mantendo as alturas piemontesas que permitiram o prosseguimento do avanço Aliado em direção a Roma. Merece também destaque a atuação da Companhia de Comandos Polonesa, infiltrada previamente na zona de operações para cumprir tarefas com características especiais.

Em julho de 1944, o importante porto de Ancona foi capturado por polacos, permitindo o avanço do 8º Exército e ruptura da Linha Gótica. Após isso, a eficiente segurança de flanco do 2º Corpo de Exército Polonês garantiu o deslocamento do Exército Britânico até os Apeninos. A ofensiva que teve início em 09 de abril de 1945 possibilitou a conquista sucessiva de Imola e Bolonha pelas tropas polonesas, respectivamente em 15 e 21 do mesmo mês.

A noroeste da Europa, a 1ª Divisão Blindada Polonesa desembarcou na Normandia em 1º de agosto de 1944 como parte do 1º Exército Canadense, que por sua vez estava subordinado ao 21º Grupo de Exércitos do Marechal de Campo Sir Bernard Montgomery. Nessa região, a Divisão tomou parte no bolsão aliado em Falaise e, avançando na direção noroeste da França, libertou Ypres, Roulers – Thielt, além de participar da libertação de Ghent.

Atravessando a fronteira com os Países Baixos, capturou Baarle Nassau e forçou a passagem pelo Canal Mark, com o fim de libertar Breda. Posicionou-se defensivamente no corte do rio Maas durante o inverno de 1944 para 1945, barrando eventuais investidas inimigas. Cabe citar ainda a importante participação da 1ª Brigada Paraquedista Independente na Operação Market Garden, de 18 a 26 de setembro de 1944, que sob o comando do General Sosabowski lutou em Arnhem-Driel e cobriu o reatamento dos efetivos britânicos através do Baixo Reno.

Clandestinamente, o esforço polonês se fez sentir com o Exército Secreto Polonês, na França, e o *Armia Krajowa* (AK - Exército Nacional), dentro das fronteiras polonesas ocupadas. O primeiro se formou a partir de elementos que não conseguiram escapar na Retirada de Dunquerque. Organizados em células no território francês ocupado, tiveram atuação relevante na preparação e execução do Desembarque da Normandia, bem como na identificação das bases de lançamento de foguetes V2, que foram posteriormente destruídas pela RAF. Além da busca e produção de inteligência em geral, de ampla utilização pelos Aliados, desempenhou papel capital na libertação da França.

A segunda estrutura em questão foi constituída como consequência direta da tomada do território polonês por alemães e soviéticos. Inicialmente recebeu o nome de “A Serviço da Vitória Polonesa”, evoluindo para “União da Luta Armada”, até chegar à designação definitiva de *Armia Krajowa*, em fevereiro de 1942. Considerado o maior, mais eficaz e profissional exército de resistência da Europa ocupada, se organizou inicialmente também em células^{xxv}. A partir de 1944, o AK já estava perfeitamente organizado em Divisões, Regimentos, Batalhões, Companhias, Pelotões e Grupos de Combate^{xxvi}

Tinha por propósito geral tornar a vida dos ocupantes a mais dura possível, lançando mão de todo tipo de sabotagens. Somando mais de 300.000 integrantes, foi fundamental na produção e difusão de inteligência, incluindo aspectos relacionados à identificação dos sítios de foguetes V2. Foi igualmente determinante na articulação e execução do Levante de Varsóvia^{xxvii}.

O Levante de Varsóvia é sem dúvida um grande marco histórico. Também conhecido por Revolta ou Insurreição de Varsóvia (em polaco *Powstanie warszawskie*), foi uma luta armada que tentou libertar a capital polonesa do jugo nazista. Teve início em 1º de agosto de 1944, às 17 horas, como parte de uma revolução nacional denominada "Operação Tempestade"^{xxviii}. A Revolta durou 63 dias, estendeu-se até 3 de outubro de 1944 e se espalhou

por todos os bairros da capital. Foi a maior luta libertária registrada na Segunda Guerra Mundial, na qual aproximadamente 50.000 insurgentes do *Armia Krajowa* enfrentaram o invasor germânico.

O planejamento inicial previa que o Levante durasse apenas alguns dias, até que o Exército Vermelho chegasse à cidade. No entanto, o avanço soviético foi interrompido. A passividade das suas unidades, estacionadas no outro lado do rio Vístula, aliada à luta desigual desenvolvida entre insurgentes e nazistas resultou na morte de uma grande quantidade de pessoas^{xxix}. Embora o número exato de baixas permaneça desconhecido, estima-se que aproximadamente 16.000 integrantes da resistência polaca perderam suas vidas, ao passo que 6.000 ficaram gravemente feridos. Entre 150.000 e 200.000 civis morreram, a maioria vítima de massacres posteriormente conduzidos por tropas do Eixo. As perdas alemãs totalizaram aproximadamente 16.000 soldados e 9.000 ficaram feridos^{xxx}.

Como resultado dos combates urbanos, cerca de 25% da margem esquerda de Varsóvia ficou sob escombros. A reação alemã pós-revolta teve como consequência a destruição de 70% dos edifícios residenciais e 90% dos edifícios históricos até 16 de janeiro de 1945^{xxxi}. Após a rendição das forças polacas, as tropas tedescas arrasaram sistematicamente vários quarteirões da cidade, o que correspondeu a 35% da área construída. Os danos provocados tanto pela Invasão da Polônia em 1939 como pelo Levante do Gueto de Varsóvia em 1943 representaram, enfim, uma destruição total de 85% da capital^{xxxii}.

Todos os anos, às 1700h de 1º de agosto, na chamada “Hora W”, ouve-se sirenes de alarme soarem por várias ruas de Varsóvia. A cidade, seus transportes públicos, carros e habitantes param e fazem um minuto de silêncio em homenagem aos insurgentes que bravamente morreram na luta contra o invasor, assim como aos que felizmente conseguiram sobreviver à carnificina. Comemorações semelhantes são também observadas em diversas outras partes da Polônia^{xxxiii}.

Apesar de ter sido o Exército o protagonista das Forças Armadas da Polônia na Segunda Guerra Mundial, cabe igualmente citar as importantes parcelas de esforço advindas da Marinha (de Guerra e Mercante) e Força Aérea Polonesas. A Marinha de Guerra tomou parte nos principais engajamentos navais, na defesa da costa polonês, na Batalha Naval de Narvik, no apoio à Retirada de Dunquerque, nos combates das Ilhas Lofoten e no afundamento do Encouraçado Bismark. Foram diversas as participações em ações no Atlântico,

no Mediterrâneo e no Desembarque do Dia D. No total, contribuíram com 2 fragatas (*cruisers*), 10 navios de escolta (*destroyers*), 1 lança-minas, 6 navios limpa-minas, 2 canhoneiras, 8 submarinos e 10 *Motor Gun Bolts*.

A Força Aérea Polonesa participou da Batalha da Inglaterra com o segundo maior contingente Aliado e, ao término da Segunda Guerra, comprovadamente destruiu 942 caças inimigos, 190 Bombas Voadoras V1, além de despejar 14.708 toneladas de minas e explosivos sobre posições inimigas. Colaborou com o transporte logístico, apoiando inclusive as forças clandestinas polacas em toda Europa. A Marinha Mercante cedeu 53 navios, transportando 4,8 milhões de toneladas de suprimentos para os Aliados, assim como centenas de soldados. Mantiveram ativas várias linhas de transporte e integram exitosas operações no norte da África, Sicília, Normandia e sudoeste da França^{xxxiv}.

De todos os países envolvidos na Guerra, cabe à Polônia o indesejável título de o país que mais perdeu vidas durante os combates, considerando a proporção entre óbitos e a população total. Mais de seis milhões de habitantes morreram, metade deles judeus. Foi igualmente polonesa a quarta maior contribuição em tropas para o esforço de guerra aliado, após a URSS, o Reino Unido e os EUA.

Antes da Segunda Guerra Mundial, cerca de 35 000 000 pessoas habitavam o espaço polonês, dos quais 69% eram polacos. O restante do efetivo mesclava sobretudo ucranianos, bielorrussos, alemães e lituanos. Depois de 1945, a Polônia tornou-se um país monolítico, com população de 98% de polacos. Ainda como consequência do conflito, o país emergiu com um território 20% menor, cujo redesenho, com 77.500 km² a menos, acarretou uma migração forçada de milhões de pessoas^{xxxv}.

Essa onda migratória atravessou o Atlântico e fez chegar ao Brasil grande número de polacos, completando e incrementando um processo iniciado na primeira metade do século XVII. Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, os poloneses residentes no País tomaram parte de uma ação desenvolvida pelo Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia, surgida no Rio de Janeiro sob o patrocínio da Cruz Vermelha Brasileira e tendo como presidente Fernando Mello Vianna, que havia sido Vice-Presidente da República entre 1924 e 1926.

Depois que o Brasil ingressou na guerra, esse Comitê começou a organizar a ajuda à Polônia. Foi criada a União dos Voluntários Poloneses da América Latina (sob a presidência de M. Breowicz) e aberta a Casa do Soldado Polonês no Rio de Janeiro, onde permaneciam

os voluntários polacos que aguardavam o transporte para a Europa. No total, a colônia polonesa forneceu 580 voluntários para as suas Forças Armadas e muitos incorporaram às fileiras da Força Expedicionária Brasileira para a luta na Itália.

Com o término das operações bélicas, uma nova onda imigratória aportou o solo brasileiro. Esses novos imigrantes se formaram a partir de destacamentos militares desmobilizados ou do efetivo de antigos prisioneiros de campos de concentração. Preponderavam dentre eles intelectuais e operários qualificados, que rapidamente se inseriram no mercado de trabalho, graças também à ajuda de poloneses já residentes no Brasil. Estabeleceram-se sobretudo nas cidades, influenciando a atividade organizacional polaca que ressurgia do pós-guerra^{xxxvi}.

Assim, graças a essa imigração de cerca de 10 a 20 mil pessoas, foi incrementada a porcentagem de pessoas instruídas e possuidoras de qualificações profissionais mais elevadas, servindo como mola propulsora das atividades existentes, bem como contribuindo para a reativação de algumas outras em decadência. Na prática, nesse momento encerrou o processo da afluência de poloneses ao Brasil.

A Polônia foi também o país que mais sofreu com o Holocausto nazista e a morte de milhões de judeus será sempre uma enorme vergonha para toda a humanidade. Nesse contexto, o campo de concentração Auschwitz-Birkenau ganha destaque como um dos mais pujantes centros utilizados para a implementação da *Endlösung der Judenfrage* (solução final para a questão judaica). Ele foi o maior de todos os campos de extermínio, criado na sequência do aumento das detenções em massa pelas forças ocupantes e da sobrelotação das prisões existentes na Polônia ocupada^{xxxvii}.

Cabe ainda ressaltar que o terror reinou em centenas de outros campos de concentração em toda a Alemanha, estados aliados ao Eixo e em áreas ocupadas por eles, em guetos, bem como durante as execuções realizadas nas ruas de muitas aldeias e cidades europeias. Estima-se que 6 milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial, sendo metade deles com cidadania polonesa^{xxxviii}. O dia 27 de janeiro, data da libertação do campo de concentração Auschwitz-Birkenau, foi escolhido como o Dia Internacional de Comemoração em Memória das Vítimas do Holocausto, oficialmente proclamado pela Assembleia Geral da ONU em 2005^{xxxix}.

De maneira complementar, porém de suma relevância, faz-se menção à saga do Capitão do AK Witold Pilecki. Considerado como o único prisioneiro voluntário do Campo de

Concentração de Auschwitz-Birkenau, foi o autor dos chamados Relatórios de Pilecki. Além disso, serviu no *Armia Krajowa* e participou da Revolta de Varsóvia. O historiador britânico Witold Pilecki explica que esse autêntico herói na verdade se infiltrou no campo de extermínio com a missão de reunir informações sobre a situação e enviá-las ao exterior, dando ampla divulgação aos fatos. Além disso, organizou a União das Organizações Militares, que deveria preparar a insurreição e a libertação do campo.

Depois de escapar de Auschwitz-Birkenau, escreveu relatórios documentando os crimes da Alemanha nazista que havia testemunhado. Esses documentos foram, pois, enviados aos Aliados e, juntamente com as atividades de Jan Karski³, constituem a primeira fonte sobre o Holocausto no mundo. Após a guerra, continuou a trabalhar para a Polônia Livre. Em 1947, foi preso e torturado pelas autoridades soviéticas, para depois ser julgado e executado em 1948. Com a recuperação da independência e fim do comunismo em 1990, o herói nacional foi devidamente recompensado, com sua promoção ao posto de coronel e a concessão da importante condecoração da Ordem da Águia Branca.

Michael Foot menciona Pilecki entre as seis pessoas mais corajosas do movimento de resistência da Segunda Guerra Mundial, ao passo que Michael Schudrich, rabino-chefe da Polônia, o descreve como “exemplo inimaginável do bem em tempos do mal inimaginável”, havendo cada vez mais evidências de como os poloneses ajudaram os judeus durante o Holocausto e pagaram por isso com suas próprias vidas^{xl}.

Ao término da Segunda Guerra Mundial, com a complacência dos aliados ocidentais, a Polônia é colocada na esfera de influência soviética. Guerreiros poloneses que lutaram ombro a ombro com seus aliados não puderam voltar para o seu verdadeiro lar, tão pouco usufruíram da liberdade e da democracia que haviam sangrado ao longo de todo o conflito. Stalin os proibiu de participar do Desfile da Vitória em 1946^{xli}.

A constante superação de desafios forjou, por mais de mil anos, a têmpera e a personalidade do cidadão polonês. Da mesma forma, o esplendor vivido em diferentes épocas atesta o valor intrínseco e a capacidade do povo. Em 11 de novembro de 1918, o esforço para a manutenção das tradições culturais e da língua asseguram outra vez o ressurgimento da nação, 123 anos após seu desaparecimento. Se por um lado a covarde invasão de leste

³ O Tenente-Coronel Engenheiro Ignacy Felczak ressalta que Jan Karski (1914-2000) foi capturado e torturado pela *Gestapo* em 1941. Visitou o Presidente estadunidense Roosevelt em 28 de julho de 1943 e Primeiro-Ministro do Reino Unido Winston Churchill em agosto de 1943, entregando a ambos relatórios completos da situação na Polônia, com destaque aos aspectos relacionados ao Holocausto.

e oeste adiou o sonho de liberdade, por outro permitiu a Polônia reafirmar sua vocação de país que jamais se rende.

A luta prosseguiu e limites foram superados. Por tudo que demonstraram ao longo de sua história, e em particular a enorme contribuição prestada à causa Aliada durante o transcurso completo da Segunda Guerra Mundial, os poloneses mereciam um destino melhor do que o julgo soviético. O exemplo do Levante de Varsóvia continuará a ecoar geração após geração nas mentes e nos corações dos amantes do mundo livre e democrático, sem amarras, explorações ou submissões.

A política genocida que resultou no Holocausto envergonha a humanidade e jamais será esquecida. A Polônia, que repetidas vezes renasceu, hoje floresce e prospera em ritmo acelerado, com desenvolvimento pujante e uma sociedade que valoriza a cooperação internacional e a convivência harmônica entre os povos. Seus exemplos de garra, superação e resiliência são eternos, despertando a admiração mundial, ao mesmo tempo que representam valiosos ensinamentos e servem de alerta a toda sociedade.

Referências

A 75 anos – Katyn, disponível em:

<<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/component/content/article/14-sample-data-articles/161-a-75-anos>>. Acesso em 26/01/2019.

BARR, Niall; HART, Russell. **Panzer** – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII. MBI Publishing Company. Osceola, 1999.

Dia Internacional da Recordação do Holocausto. Embaixada da República da Polônia em Brasília. Disponível em:

<https://brasilia.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/dia_internacional_da_recordacao_doholocausto>. Acesso em 26/01/2019.

Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, disponível em:

<https://brasilia.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/dia_internacional_em_memoria_das_vitimas_do_holocausto>. Acesso em 26/01/2019.

FELCZAK, Ignacy. Presidente da Associação dos Ex-Combatentes Poloneses no Brasil – Diterório Central. Entrevista concedida ao autor em 10 de fevereiro de 2019.

HOARE, James. **Polish Cavalry did charge German tanks in World War II... and they won**. Disponível em:

<<https://www.historyanswers.co.uk/history-of-war/john-riley-st-patricks-battalion-part-2-the-long-fight-for-freedom/>>. Acesso em 27/01/2019.

Independência da Polônia 99 Anos, disponível em:

<<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/component/content/article/14-sample-data-articles/213-independencia-da-polonia-99-anos>>. Acesso em 26/01/2019.

Levante de Warszawa, disponível em:

<<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/component/content/article/14-sample-data-articles/170-levante-de-warszawa>>. Acesso em 26/01/2019.

MALCZEWSKI, Zdzisław. **Os poloneses e seus descendentes no Brasil:**

esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil, disponível em:

<https://kurytyba.msz.gov.pl/pt/comunidade_polonesa_no_brasil/comunidade_polonesa_no_brasil>. Acesso em 26/01/2019.

Polish contribution to the Allied victory in World War 2 (1939-1945). Embassy of the Republic of Poland in Tehran, disponível em:

<https://teheran.msz.gov.pl/en/c/MOBILE/bilateral_cooperation/history/teheran_ir_a_66/>. Acesso em 26/01/2019.

Polonia. Casa da Polónia, disponível em:

<<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/site-map>>. Acesso em 26/01/2019

ROSADO, Jorge; BISHOP, Chris. **División Alemana Panzer 1939-1945**. Editorial LIBSA. Madrid, 2008.

Rússia Divulga Documentos do Massacre de Katyn, disponível em:

<<https://segundaguerra.net/russia-divulga-documentos-do-massacre-de-katyn/>>. Acesso em 26/01/2019.

SUCHCITZ, Andrzej. **Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War**. Polish Ex-Combatants Association in Great Britain. London, 2011.

1 de setembro de 1939, disponível em:

<<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/component/content/article/14-sample-data-articles/176-1-setembro>>. Acesso em 26/01/2019.

79º aniversário da invasão soviética da Polónia, disponível em:

<https://brasil.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/79__aniversario_da_invasao_sovietica_a_polonia>. Acesso em 26/01/2019.

70º aniversário de falecimento do Capitão Witold Pilecki, disponível em:

<https://brasil.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/70__aniversario_do_falecimento_do_capitao_witold_pilecki>. Acesso em 26/01/2019.

74º aniversário do Levante de Varsóvia, disponível em:

<https://brasil.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/74__aniversario_do_levante_de_varsovia>. Acesso em 26/01/2019.

79º aniversário do início da Segunda Guerra Mundial, disponível em:

<https://brasil.msz.gov.pl/pt/acontecimentos/tytul_strony_17>. Acesso em 26/01/2019.

ⁱ Independência da Polónia 99 Anos, disponível na *internet*.

-
- ii 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- iii Polish contribution to the Allied victory in World War 2 (1939-1945), disponível na *internet*.
- iv 79º aniversário do início da Segunda Guerra Mundial, disponível na *internet*.
- v BARR, Niall; HART, Russell. Panzer – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII, p. 25.
- vi 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- vii ROSADO, Jorge; BISHOP, Chris. División Alemana Panzer 1939-1945, p.7.
- viii BARR, Niall; HART, Russell. Panzer – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII, pp. 23 e 25.
- ix 1 de setembro de 1939, disponível na *internet*.
- x BARR, Niall; HART, Russell. Panzer – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII, pp. 27-28.
- xi 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- xii SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, pp. 1-2.
- xiii BARR, Niall; HART, Russell. Panzer – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII, pp. 31-32.
- xiv 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- xv HOARE, James. Polish Cavalry did charge German tanks in World War II... and they won, disponível na *internet*.
- xvi BARR, Niall; HART, Russell. Panzer – The Illustrated History of Germany's Armored Force in WWII, pp. 34-35.
- xvii 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- xviii SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, p. 3.
- xix A 75 anos – Katyn, disponível na *internet*.
- xx Rússia Divulga Documentos do Massacre de Katyn, disponível na *internet*.
- xxi A 75 anos – Katyn, disponível na *internet*.
- xxii 79º aniversário da invasão soviética da Polônia, disponível na *internet*.
- xxiii SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, pp. 3-15.
- xxiv FELCZAK, Ignacy -Tenente-Coronel Engenheiro, em entrevista ao autor.
- xxv SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, pp. 3-15.
- xxvi FELCZAK, Ignacy -Tenente-Coronel Engenheiro, em entrevista ao autor.
- xxvii SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, pp. 3-15.
- xxviii Levante de Warszawa, disponível na *internet*.
- xxix 74º aniversário do Levante de Varsóvia, disponível na *internet*.
- xxx Levante de Warszawa, disponível na *internet*.
- xxxi 74º aniversário do Levante de Varsóvia, disponível na *internet*.
- xxxii Levante de Warszawa, disponível na *internet*.
- xxxiii 74º aniversário do Levante de Varsóvia, disponível na *internet*.
- xxxiv SUCHCITZ, Andrzej. Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War, pp. 12-15.
- xxxv Polonia, disponível na *internet*.
- xxxvi MALCZEWSKI, Zdzisław. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil, disponível na *internet*.
- xxxvii Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, disponível na *internet*.
- xxxviii FELCZAK, Ignacy -Tenente-Coronel Engenheiro, em entrevista ao autor.
- xxxix Dia Internacional da Recordação do Holocausto, disponível na *internet*.
- xl 70º aniversário de falecimento do Capitão Witold Pilecki, disponível na *internet*.
- xli Exmo. Sr. Ryszard, KACZOROWSKI, Presidente da Polônia entre 1989 e 1990 - Governo Polonês no Exílio. Prefácio do livro Poland's Contribution to the Allied Victory in the Second World War.